

ROMANCE DE QUEM MOLDOU A QUERÊNCIA
(Sebastião Teixeira Corrêa – Caxias do Sul / RS)

A linha tênue que aparta
A razão de homem campeiro
Das raias do desvario
Não suportou a injustiça
E arrebentou no limite
Da sentença feito espada,
A transpassar peito e alma
golpeando os sonhos do João

Capataz da estância velha,
Perdeu a noção dos anos
Que deixou de ser posteiro
Pra se tomar capataz;
Nasceu e cresceu na estância,
Conhecia como poucos
Cada palmo, cada canto,
Cada pasto, cada aguada,
Cada árvore plantada
Ou nativa do lugar

Fez de seu posto seu mundo,
Ergueu rancho, fez morada,
"Embuçalou" a trigueira
Mais bonita das percantas,
Que ao raio de algumas léguas
Se poderia encontrar

Sonhou nas noites compridas
Que a força daqueles braços,
Curtidos por tironaços,
Um dia, talvez distante,
Lhe dariam, por regalo,
Um rancho pra ser só seu
Frente quinchada pra o Norte
Com pé direito bem alto,
Varanda no comprimento,
Terreiro largo pros piás;
Um pedacito de campo
Pois não carecia tanto,
Apenas o necessário
Pra alguma nesga de vida
Que haveria de sobrar

Os piás iriam pra o povo
-É preciso ter escola -
E algum dia, sem retovo,
Quem sabe vestir estola...
Se perdia nos seus sonhos

Construindo fantasias,
Sabia de um outro mundo
Muito além das cercanias

De posteiro à capataz,
Foi o tempo do patrão
Reconhecer o talento
E a honestidade do João

Tostou a cara nas lidas
E entordilhou as melenas,
Dependurou as chilenas
Pois garrou pena dos bichos,
Coração de pedra bruta
Aos poucos amolecendo
Ao ver os netos crescendo
Pelas estâncias vizinhas,
Porque os filhos que ele tinha
Herdaram sorte de peão,
E nesse mundo campeiro
Muito bem ele sabia,
Quando acaba a serventia
A vida dá seu tirão

A sentença proferida
Naquela tarde cinzenta,
Desabou como tormenta
Sobre um castelo de areia,
E o mar revoltado por dentro
Inundou todo seu mundo,
Dos olhos, duas vertentes
Deram vazão pra uma enchente
Que se formou num segundo

"Preciso que desocupes
Tua morada na estância
Fostes de grande importância
Porém os tempos mudaram,
Vou trazer gente estudada
Pra ocupar o teu lugar;
Como estás velho João
Não tens mais utilidade,
Quem sabe lá na cidade
Vais viver melhor, então".

..
Quedou-se mudo e os olhos
Ficaram mirando a esmo
Como a campear por si mesmo
Nos ermos da velha estância,
A vida perde a importância
Quando a injustiça mesquinha
Por madrasta e por daninha

Rouba os sonhos e a esperança

No outro dia, da estância
Um carro de bois seguia
Rumo à estrada real;
Levava um João já sem vida,
Uma história resumida
No humilde do funeral...

...E à noite, passando em frente
De um potreiro de pedras
Onde medram toscas cruces,
Apeio e saco o sombreiro
Pedindo a Deus que aos campeiros
Olhe sempre com clemência,
Pois somente a Onipotência
De um Deus que a tudo criou
Saberá dar o valor
A quem moldou a querência

Quando recolho minhas vistas
Pra contemplar a cidade,
Me dói a realidade
Nos arrabaldes povoeiros,
Hoje há tantos João campeiros
Que, posteiro ou capataz,
Deixaram a vida pra traz
E se embretaram nas Vilas;

Das changas, míseros pilas
E do campo ... um nunca mais!!!